

# “É muito bom poder remar contra a corrente acompanhada”: entrevista com Daniela Wainer

## “É muito bom poder remar contra a corrente acompanhada”: interview with Daniela Wainer

Oluwa Seyi Salles Bento<sup>1</sup>

---

RESUMO: Entrevista com Daniel Wainer, poeta e editora carioca.

ABSTRACT: Interview with Daniela Wainer, poet and editor from Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Daniela Wainer.

KEYWORDS: Interview; Daniela Wainer.

---

<sup>1</sup>Possui bacharelado (2017) e Licenciatura (2021) em Língua Portuguesa e suas literaturas pela Universidade de São Paulo e Mestrado (2021) em Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas pela mesma instituição de ensino. Atualmente, cursa Doutorado nas mesma área e instituição de ensino. Seus interesses de pesquisa são Literatura de dicção negra, mitologia afro-brasileira e representação literária de gênero, raça, sexualidade e religiosidade. Além de pesquisadora, é professora e escritora.



**A** entrevistada, **Daniela Wainer**, é poeta e editora. Publicou os livros *Uma vida nada e outros contos* (Ed. Oito e Meio) e *Órfãs do Instante e do Infinito* (Ed. Tucum). É editora do selo/editora Cassias Imperiais e uma das organizadoras, ao lado de Adriele do Carmo, da coletânea *Erótica: Versos lésbicos* (Ed. Tucum). É Graduada e Mestre em Comunicação (UFRJ) e Doutora em Filosofia (UFBA).

**Oluwa Seyi Salles Bento:** Visitando seu currículo, vemos uma trajetória que reúne fotografia, literatura, Comunicação e Filosofia. Tudo isso coroado com a escrita de Poesia e o trabalho como editora. Como tudo isso dialoga (ou não) em sua vida?

**Daniela Wainer:** Lendo meu currículo na introdução da entrevista, levei um susto. Minha trajetória foi tão errática que às vezes não consigo vê-la como um todo, embora *pra* quem esteja vendo de fora possa parecer tudo linear. Eu já escrevia desde nova, mas era difícil conciliar a literatura com o mundo material; o mundo subjetivo com as pressões externas. Como essa edição da revista é de temática lésbica, posso acrescentar que no começo dos anos 2000 era mais difícil que hoje se entender como lésbica e se integrar ao mundo como tal. Acabei ficando dentro da academia muito tempo. Na faculdade de Comunicação, no Rio, fiz pesquisa em fotografia. Também escrevi um pouco *pra* teatro. Consegui a muito custo publicar o primeiro livro de contos. Depois, me casei com uma professora da UFBA e me mudei *pra* Salvador, onde cursei o doutorado em filosofia (mais especificamente, filosofia da literatura). Quando acabei o doutorado, a pandemia *tava* começando, e resolvi abrir com uma amiga uma pequena editora. Tirei um escrito da gaveta e publiquei o segundo livro. Foi quando se criaram as condições pro surgimento da coletânea *Erótica*. Eu pedi *pra* Dri (Adriele do Carmo, a outra organizadora) me enviar alguma coisa *pra* publicar, mas ela não *tava* com tempo

*pra* escrever. Se sentiu tão pressionada pelo meu pedido (risos), que deu a ideia fantástica de abrimos uma chamada de poesia erótica lésbica. Sinto que a coletânea é uma grande expressão de toda essa revolução que *tamos* vivenciando na literatura e na sociedade. Acho que a literatura nunca esteve tão viva no Brasil como nesse momento.

**OSSB:** A *Coletânea Erótica: Versos lésbicos* (Ed. Tucum, 2022) já nasce como um marco na Literatura. Reúne um número considerável de pessoas lésbicas e bissexuais poetizando o afeto e o erótico. Qual foi a importância de ser uma das organizadoras da obra?

**DW:** Olha, talvez eu e a Dri tenhamos dificuldade em ver de fora, pois vivenciamos tudo de dentro, os percalços, as conquistas, o trabalho, a ansiedade, a montanha russa de emoções. Foram muitas fases. Primeiro, abrimos a chamada e ninguém se inscrevia. Depois tinha gente demais inscrita e não acreditávamos. Gente de todos os lugares do país, foi muito lindo. Aí decidimos incluir todes e foi uma alegria generalizada por parte das poetisas. Depois, o trabalho de conseguir organizar as 80, mandando contrato *pra* cada uma, fazendo a revisão de cada poema, estabelecendo uma comunicação com cada ume. Não sei quantas listas eu fiz à mão *pra* ter certeza de que eu já tinha realizado cada etapa com cada poeta sem deixar ninguém de fora. Mas as poetisas são fantásticas, foi incrível conhecer cada ume, cada ume com uma história diferente, de um lugar diferente. Todas com essa vivência lésbica/bissexual encarnada, todas escrevendo sobre isso desde seus lugares, foi tão inspirador. Então acho que ter tido o privilégio de organizar a coletânea foi poder viver essas emoções, sentir cada poeta perto de mim, dentro de mim, mais do que talvez vocês, poetisas, tenham sentido. (Porque a Oluwa também é uma das nossas poetisas! E maravilhosa, diga-se de passagem).



**OSSB:** Sobre seus trabalhos individuais com poesia: eles se relacionam com a temática da coletânea ou seus voos são outros? Comente um pouco.

**DW:** Sim e não. Se relacionam porque a vivência lésbica me atravessa e sempre extravasa através da minha escrita, seja poesia ou prosa. Mas eu não tenho o hábito de trabalhar com o tema do erótico. Muita gente inclusive estranhou que eu estivesse organizando uma coletânea erótica. Mas aí entra a complexidade. De um lado, toda a repressão a que a sociedade nos submete e, de outro, a questão de que abordamos o erótico no sentido em que Audre Lorde o enquadra: o sentido vital, o Eros, o que nos liga, nos energiza, nos prepara *pra* revolução.

**OSSB:** Na apresentação do livro no site da editora Tucum, aponta-se Audre Lorde como uma inspiração para a obra. O que a produção de Lorde tornou possível para o/no *Erótica*?

**DW:** Eu e Dri queríamos dar uma cara política ao livro, e também queríamos que fosse uma publicação segura pras poetisas, que estavam se expondo. Para isso, precisávamos retirar o livro do domínio da pornografia. Muitas vezes, o sexo lésbico é fetichizado, e há muita pornografia sendo feita seqüestrando essa palavra e essa experiência. O corpo da mulher também já é desde sempre hipersexualizado. Como íamos tornar todas essas poesias públicas, queríamos garantir esse espaço seguro para nos expressarmos, de forma livre e sem medo. Porque também tem essa dimensão da libertação sexual de corpos submetidos a muita repressão. Não é apenas um livro sobre erotismo. São 80 poetisas que vêm das margens, é uma diversidade incrível. Além da Audre nos inspirar de forma geral, especificamente o texto dela “Os usos do erótico” nos ajudou demais a encontrar o tom certo para concretizar esse livro, sua estética, seu significado. Audre diferencia a pornografia do erotismo. Além disso, para Audre, a conexão

erótica é de muitas ordens, não apenas sexual. O que importa é que seja possível uma "autoconexão compartilhada" (palavras de Audre).

**OSSB:** Você pode citar um poema ou trecho da coletânea que pode, de alguma maneira, apresentar a obra quem ainda não a leu. Por que este poema ou trecho é tão especial?

**DW:** Vou citar dois pequenos trechos, que mostram a amplitude da coletânea.

(...) sinto falta de saber que cada dobra da suas costas se arrepiava sob a minha língua passando em você, sinto falta do sorriso idiota na minha memória sabendo o quão gorda com você eu sempre pude ser, sinto falta desse seu corpo também ser gordo e não me temer. (COSTA, p. 22, 2022)

é um poema de amor um poema de amor com mãos  
um poema de amor lésbico, um poema de amor kuir  
um poema de amor com tuas mãos que tocam minha pele  
como um piano que escreve o shir hashirim<sup>2</sup>  
ou uma nova cabala." (MENDES, p. 126, 2022)

O primeiro é da Milly Costa, poeta baiana. Também é ativista pelo corpo preto gordo sapatão. O segundo poema é de Rivka Ramos Mendes, poeta judie sapatão trans não binária, de Curitiba. Esses dois poemas, além de serem belos em si, mostram a incrível diversidade da coletânea.

---

<sup>2</sup> shir hashirim – cântico dos cânticos em hebraico



**OSSB:** O *Erótica* já está catalogado em várias bibliotecas, foi lançado em algumas cidades do país e marcou presença em algumas das principais feiras literárias de 2022. O que você ainda deseja que a obra alcance?

**DW:** Lançamos o livro no Rio, em São Paulo, Salvador e BH, tudo isso ao longo de 2022. Foram as cidades com mais poetas e onde foi possível produzir um evento com essa dimensão. Nossa vontade era ter ido em muito mais cidades. Fomos convidadas *pra* lançar na Biblioteca Pública de BH, o que foi bem especial. Também participamos da Flipelô (a Festa Literária Internacional do Pelourinho) e da Flica (Festa Literária de Cachoeira). Fizemos alguns saraus por aí e marcamos presença em muitos lugares. Eu acho que essa obra pode alcançar muito mais e reverberar de muitas formas ainda. A gente ainda precisa desvelar os significados ocultos que ela traz, ainda não chupamos esse caroço todo, sabe? Acho que a coletânea pode dialogar mais com as pensadoras e ativistas que tão por aí. Pode participar de mais mesas de debates teóricos, sobre a Audre Lorde, por exemplo. E pode participar de mais feiras, eventos, festivais. Pode dialogar com outros trabalhos artísticos que tão sendo feitos. E também as próprias poetas podem se unir e propor alguma intervenção artística relacionada à coletânea. Aproveito *pra* dizer que aceitamos parcerias *pra* fazer isso acontecer em 2023!

**OSSB:** Há possibilidade de um segundo volume do *Erótica*?

**DW:** Acho que não, sabia? O que você acha? Porque o primeiro já condensa em si uma carga tão forte. O segundo teria que ter outro tema, talvez. Penso que seria legal um novo projeto, com outra cara, envolvendo todas essas poetas, isso seria bem legal também. Gosto dessa ideia de tornar a poesia viva para além dos espaços do mercado literário.

**OSSB:** Quais são seus próximos passos enquanto poeta e editora? Pretende lançar outros livros solo?

**DW:** É esse o meu drama agora. Toda essa coisa da coletânea e da editora dão muito trabalho e fica difícil me dedicar aos meus projetos pessoais. Quero lançar algum livro solo sim, mas gosto também de viver esse movimento literário coletivo. Acho que fazer parte de um grupo de artistas que tenham uma visão semelhante da arte e da vida fortalece os trabalhos individuais. E aí acho legal esse movimento de poder entrar e sair do grupo. Poder fazer trabalhos individuais e também fazer parcerias. Acho que isso ajuda a consolidar um raio de referências e de linguagem comum. Porque no fim das contas o que a gente quer é que a nossa vida mergulhe cada vez mais nessa vertigem poética, né? É muito bom poder remar contra a corrente acompanhada. Por um segundo, temos a impressão de que *tamos* sendo a corrente, e não a contracorrente.

Recebido em 22/12/2022

Aceito em 23/12/2022